

“VIDAS SECAS”, “NORDESTE SECO”: UMA CONSTRUÇÃO REGIONALISTA EM GRACILIANO RAMOS

Michelangelo Bezerra Batista

michelangelobatista@yahoo.com.br

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

Graduando do 7º período em História

Pesquisador do Grupo de Estudos Sócio-Ambiental
e Etnohistória Indígena (UFCG).

Ao falarmos em Nordeste, pensando no Brasil, falamos em uma porção territorial que fora, em algum momento, pertencente à porção Norte. Quando nos limitamos a esse espaço enquanto região, acabamos por entrar em toda uma construção discursiva e de teatralização política que viabilizou o processo de separação desta extensão territorial enquanto região.

Assim, o Nordeste é percebido principalmente, dentre vários fatores, através da seca. E este fator climático é que, em maior parte, representará o Nordeste enquanto região. A seca, por sua vez, faz parte, além da construção do Nordeste enquanto pobre e flagelado, da teatralização política, que tinha por fim angariar recursos.

Essa análise historiográfica, quando da abordagem do Nordeste e a problemática da seca, é fundamentada a partir da História Ambiental. Mas quando me proponho analisar uma obra literária, afim de uma produção historiográfica, acabo me reportando também a uma inovação na historiografia ocorrida no início do século XX, a partir das propostas dos Annales.

Com base nesta relação entre História, a partir de uma abordagem ambiental, e literatura, é que vou desenvolvendo este trabalho, que tem por objeto o Nordeste dentro da perspectiva discursiva da seca.

Historiografia, Literatura e História Ambiental: novas possibilidades na construção do conhecimento histórico

“A base profunda de um método histórico é uma ‘representação do tempo histórico’ e é esta representação que diferencia as diversas escolas e programas históricos”. Para José Carlos Reis, o que diferencia as diversas escolas historiográficas, é justamente a representação feita sobre o tempo histórico. Tal representação tem caráter subjetivo, ou seja, terá variação de acordo com cada historiador e sociedade. Através da “representação do tempo histórico” o historiador acaba por relacionar em seu trabalho determinadas técnicas, determinados conceitos e objetos, bem como opta por certos valores, organização e fontes – principalmente este último fator no tocante as diferenças entre as escolas historiográficas.

Em contrapartida a Escola Metódica, “o historiador dos Annales abordou a história com um ‘novo olhar’, isto é, com uma nova representação do tempo histórico” . Com este “novo olhar”, os Annales abre espaço a uma maior diversidade de fontes para tratar das ações humanas no tempo, dentro da perspectiva do próprio Marc Bloch, que definiu História como “ciência dos homens, no tempo” . Preocupados em tratar das coisas do homem, diferentemente da abordagem documental da Escola Metódica, os historiadores dos Annales nos possibilita uma amplitude de fontes historiográficas. Poderíamos dizer que onde houver vestígio ou qualquer outra forma que demonstre a presença humana, tanto no plano concreto como das abstrações, aí encontrar-se-á também uma fonte historiográfica.

Partindo desse pressuposto de amplitude no campo das fontes históricas, a literatura surge como mais uma possibilidade de abordagem historiográfica, tendo em vista que representa uma construção humana.

E me limitando ao campo historiográfico da História Ambiental, acabo por utilizar-me da obra **Vidas Secas**, para projetar uma construção feita por Graciliano Ramos de um espaço territorial o qual denominamos de Nordeste. Ora, as fontes para a História Ambiental também são as mais diversas, afinal, as pessoas com suas particularidades, grupos, sociedades são parte da natureza. Nesta perspectiva, o meio ambiente surge como fator condicionante na vida dos homens, bem como os próprios homens impacta e condicionam este meio. Assim, podemos perceber o Nordeste, como qualquer outra região, como uma construção humana, a partir do ponto em que as pessoas criam delimitações territoriais, com suas respectivas nomeações, como é o caso do Nordeste.

O discurso regionalista torna-se então uma mediação entre o homem e a natureza. O primeiro como construtor de representações sobre o segundo. Através destas representações o homem vai criando valores, formas, definições, limites, enfim, todo um conjunto de significações que vão moldando e caracterizando determinado objeto.

Desta forma, o espaço o qual conhecemos por Nordeste, assim o é por consequência da mediação do homem com o seu meio. Refiro-me neste ponto a sua nomenclatura e às várias representações lançadas sobre ele, pois, como já foi dito, o homem enquanto utilização de representações sobre a natureza vai dando significações aos vários espaços territoriais. Além de que, grande parte dos discursos que instituem a identidade do Nordeste se baseia, em sua maioria, em apenas um fator, que é o clima da região, e conseqüentemente a seca, como podemos perceber também em Manuel Correia de Andrade: “Entretanto, em cada região se nota que um elemento se sobressai [...] No Nordeste, o elemento que marca mais sensivelmente a paisagem e mais preocupa o homem é o clima”

“Vidas Secas”, “Nordeste Seco”

“O Nordeste é filho da ruína da antiga geografia do país” . Ou seja, o Nordeste surge da separação com o Norte, a partir da instituição imaginária de uma porção nortista que atingida por secas periódicas foi adquirindo “contornos precisos enquanto um espaço regional que se distinguia do antigo bloco monolítico chamado Norte” . Esta instituição imaginária a partir de discursos de região “flagelada” e “pobre” por consequência climática.

Assim, o Nordeste fica caracterizado fortemente a partir de um único elemento, o clima. A partir de uma construção imagético-discursiva, o fator climático ganhará maiores proporções na tentativa de caracterização da região. E esse fator climático dará significado de um “Nordeste seco”.

De acordo com Gervácio Batista Aranha, o discurso a partir de problemas climáticos faz parte de um conjunto de estratégias políticas para sensibilizar a opinião de um Estado maior para promover e conseguir ajuda para as “vítimas” dos “horrores da seca”. Para este mesmo autor, o que se pretendia na verdade era que “os recursos chegassem, reforçando assim o poder econômico e político daqueles que se diziam preocupados com a ‘miséria’ da região” . E para causar verdadeira sensibilização, a seca e seus efeitos eram dramatizados para fins políticos através do que o autor caracteriza como uma “teatralização”. Claro, não podemos desconsiderar a real existência do problema climático, mas devemos levar em consideração que esta sofre uma verdadeira dramatização, agravando ainda mais as construções imagéticas da região enquanto “seca”. Se, como afirma Gervácio Batista Aranha, os recursos conseguidos com a teatralização política sobre a seca, reforçam o poder econômico e político destes mesmos que se dizem preocupados com a situação, me surge uma pergunta que prefiro deixá-la aqui em termos provocativos: já que a politicagem com a problemática da seca nordestina atrai recursos que fortalecem economicamente determinados políticos, existiria um real interesse destes últimos em solucionar o problema da região? A resposta pode ser encontrada em outra provocação: “a indústria das secas”.

Para compreendermos melhor a criação do Nordeste é preciso recorrer à história da construção da própria idéia de Nordeste. Como já citado em outro momento, esta região é fruto da separação com o Norte. A divisão regional brasileira era composta apenas entre Norte e Sul: o Norte abrangia o que hoje é o Nordeste e a atual Amazônia; enquanto que o Sul abrangia a porção do Brasil encontrada abaixo da Bahia. A idéia de Nordeste e do ser nordestino faz parte de uma construção das elites políticas e dos letrados desta mesma área , em consequência do descontentamento da elite açucareira e algodoeira da região que vinha perdendo espaço econômico no mercado internacional, e perdendo também espaço para os cafeicultores do Sul, que detinham maior influência política, já que por este período a que me refiro a capital do Brasil era o Rio de Janeiro, onde se concentravam as decisões políticas.

De acordo com Durval Muniz de Albuquerque Júnior, “um dos primeiros episódios que marcarão a emergência desta identidade regional em formação será a chamada seca de

1877-1879” . Segundo este autor, as estiagens podem ser relatadas nesta região desde o período colonial, ou seja, o fenômeno ocorrido entre 1877 e 1879 não era nada demasiado diferente para a região. O que acontecera fazia parte de um momento de crise econômica e política da elite nortista, que se utilizou deste período de estiagem e sua mobilizou “como nunca antes ocorrera” (utilizando as palavras do próprio autor). Esta elite, juntamente com os letrados da região, tratou de proporcionar a repercussão deste fenômeno afim de uma sensibilização a nível nacional, ainda mais com o auxílio da imprensa, que viabilizou tal repercussão: “O impacto causado pela divulgação das primeiras fotografias feitas do que se começa a chamar de flagelados, na imprensa do Sul do país, os discursos inflamados dos representantes do Norte no Parlamento Nacional, que também ganham as páginas dos jornais [...] tornam a seca um tema central no discurso regionalista do Norte” . Esta situação será, e ainda o é, argumento político na tentativa de angariar recursos, em nome de um suposto socorro às vítimas do flagelo. O que se percebe na verdade é uma série de corrupções sobre os valores que deveriam servir para amenizar ou até resolver alguns problemas referentes à seca, alimentando o que conhecemos hoje como a “indústria das secas”, que é alimentada com o “discurso da seca. A partir destas considerações volto novamente à pergunta feita anteriormente: existiria um real interesse, por parte dos políticos, em solucionar o problema da região?

Com a separação com o Norte, esta porção territorial chamada de Nordeste, que de início designava uma referência geográfica, mas que foi ganhando significados, imagens, a partir de construções de políticos, jornalistas, romancistas, historiadores, pintores, enfim, a partir de toda uma construção discursiva, foi ganhando forma estereotipada, portanto, gerada a partir da imagem da seca.

Além da construção de um Nordeste “pobre” e “flagelado” a partir do discurso dos políticos da região, temos também a mesma construção da problemática nordestina quando da busca das particularidades regionalistas. Mais uma vez o Nordeste fica caracterizado como “pobre”, tendo em vista o pioneirismo da industrialização e urbanização do Centro-Sul, especialmente São Paulo que aos poucos vai se diferenciando do restante do país. A esse respeito Muniz cita que: “O Nordeste é uma produção imagético-discursiva formada a partir de uma sensibilidade cada vez mais específica, gestada historicamente, em relação a uma dada área do país” . Esta “dada área do país” a que se refere Muniz é a região Sul. Ou seja, dentro desta afirmativa de Muniz, para que se possa atribuir valores a um objeto, se faz necessário pautar-se em outro, sendo este outro o exemplo, o modelo, o padrão a que se deveria assemelhar-se; na caracterização nordestina, o Sul surge como o exemplo a se seguir, como o padrão de desenvolvimento do país. Com a centralização política no Sul, mais uma vez o Norte encontra-se em desvantagem. Ainda mais com os noticiários jornalísticos em que se fortalecia a superioridade do Sul, no tocante a industrialização, urbanização, e também pelo índice de brancos europeus que habitavam a

região, afinal, a idéia era de que a presença do branco europeu era sinônimo de desenvolvimento, de progresso.

Esta referência ao Sul, enquanto região desenvolvida, percebemos também em **Vidas Secas**, quando do desfecho da história. No último capítulo do livro, que Graciliano Ramos nomeou de *Fuga*, ele diz o seguinte: “E andavam para o Sul, metidos naquele sonho. Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias” .

Afinal, Graciliano Ramos não é o pioneiro, enquanto romancista, a tratar tema referente ao Nordeste. Digamos que ele fora influenciado por uma temática que vinha ganhando maiores proporções a partir da seca de 1877-1879. Percebe-se assim o nível de disseminação que foi ganhando esta problemática. Autores como José do Patrocínio (**Os retirantes**), Rodolfo Teófilo (**A fome**), Franklin Távora (**O Cabeleira**), Domingos Olímpio (**Luzia-Homem**) e Antônio Sales (**Aves de arribação**) já escreviam sobre o problema da seca nordestina. Estes autores, incluindo Graciliano Ramos, bem como vários outros exemplos, acabam por fortalecer uma imagem de nortistas vitimados pela seca, flagelados, pobres, ignorantes, indiferentes ao conhecimento, que aceitam situações de subordinação e de humilhação em nome de sua sobrevivência, que passam por situações de fome e de sede, dentre vários outros aspectos que objetivam a degradação do ser nordestino e de sua região de origem.

Percebemos então que bem mais que problemas históricos, o Nordeste é concebido através de uma construção discursiva. E dentro desta perspectiva, observa-se que Graciliano Ramos acaba dando sua contribuição. Não que este autor tivesse esta intenção de forma declarada, mas sua obra **Vidas Secas**, enquanto construção do real acaba por sofrer impactos discursivos ao tempo em que se torna meio de propagação discursiva. Com isso, àqueles que lerem tal obra, a lerão, leu ou lêem sob pena de cair em uma construção do Nordeste a partir do problema da seca e, conseqüentemente, pobre e atrasado em oposição a um Sul desenvolvido.

Já de início, no primeiro capítulo, *Mudança*, o autor se utiliza de um termo que podemos considerar bastante impactante para caracterizar a família que protagoniza o texto: “os infelizes” (p. 9) . Este adjetivo nos propõe identificar Fabiano, Sinhá Vitória e as duas crianças com uma situação de precariedade e de infelicidade. Por estar logo no início do texto, mais precisamente na segunda linha do primeiro capítulo, o leitor já se condicionará a ler o complemento da obra com uma imagem de desgraça sobre a família.

Em se tratando do território, alguns trechos elaborados por Graciliano Ramos nos proporcionam a abstração de um local de clima seco, de vegetação danificada pelo clima, enfim, de um lugar não muito atraente às pessoas: “como haviam repousado bastante na areia do rio seco” (p. 9); “Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da catinga rala” (p. 9); “fazia horas que pisavam a margem do rio, a lama seca e rachada que escaldava os pés” (p. 10). Nestas citações percebemos um local

de rio seco, galhos das vegetações sem folhagens, devido o clima e, conseqüentemente, sem sombra para se realizar uma parada.

Ainda com relação à descrição da paisagem, Graciliano Ramos nos apresenta um céu sem nuvens: “Fabiano [...] espantou-se: uma sombra passava por cima do monte. Tocou o braço da mulher, apontou o céu, ficaram os dois algum tempo agüentando a claridade do sol. Enxugaram as lágrimas, foram agachar-se perto dos filhos, suspirando, conservaram-se encolhidos, temendo que a nuvem se tivesse desfeito, vencida pelo azul terrível, aquele azul que deslumbrava e endoidecia a gente” (p. 13). Ao construir um céu sem nuvens, o autor acrescenta elementos que tornam o dia desesperador: lágrimas provocadas pela claridade do sol; temor por a nuvem de desfazer, ou seja, um céu ensolarado intensamente; e fortalecendo o clima quente, no céu só se via o sol e o “azul”. Diante desta descrição do ambiente, acabamos por criar uma imagem de um local marcado pelo abandono, com poucas pessoas (assim como pode ser imaginado um local sem pessoas, apenas com a família que protagoniza a história), de aspecto seco, vegetação sem vida e com escassez de água.

Quanto às personagens, segundo o autor, estes sofriam de fome e sede em demasia: “a fome apertara demais os retirantes e por ali não existia sinal de comida” (p. 11); “Tinha andado a procurar raízes, à toa: o resto da farinha acabara, não se ouvia um berro de rês perdida na catinga” (p. 11); “foram despertados por Baleia, que trazia nos dentes um preá. Levantaram-se todos gritando. [...] Sinhá Vitória beijava o focinho de Baleia, e como o focinho estava ensangüentado, lambia o sangue e tirava proveito do beijo. [...] Aquilo era caça bem mesquinha, mas adiar a morte do grupo” (p. 14); “Fabiano tomou a cuia, desceu a ladeira, encaminhou-se ao rio seco, achou no bebedouro dos animais um pouco de lama. Cavou a areia com as unhas, esperou que a água marejasse e, debruçando-se no chão, bebeu muito. [...] Encheu a cuia, ergueu-se, afastou-se lento, para não derramar a água salobra. [...] Chegou. Pôs a cuia no chão, escorou-a com pedras, matou a sede da família” (PP. 14, 15). Neste quadro construído pelo autor, a família sofre com a fome, ao ponto de saciá-la comendo preá, fruto da caça da cadela Baleia; e ainda na p. 11, é narrado que a família chega ao ponto de comer o papagaio que possuíam. O sofrimento com a sede era tamanho, que bebiam água retirada da lama, e no caso descrito acima, lama que estava no bebedouro dos animais. Assim, ficam evidenciados aspectos de pobreza e calamidade diante de uma família com fome e com sede. Esta leitura pode sim influenciar a imaginação sobre a região em um todo. Alguns leitores da obra podem criar para se, de forma generalizada, a taxaço de miséria para o Nordeste da maneira descrita por Graciliano Ramos.

No segundo capítulo, *Fabiano*, o autor nos traz um Fabiano marcado pela imagem da ignorância e avesso a educação do tipo que procura conhecimento. Há um momento no texto em que uma das crianças se aproxima e faz uma pergunta ao pai. Fabiano, por sua vez, reprova a atitude curiosa do filho. O certo para ele seria ter atitudes que referenciassem o trabalho quanto a

cria de animais. Para Fabiano, em os meninos estarem perguntadores, se tornavam insuportáveis; e ao aprender qualquer coisa, necessitariam aprender mais, nunca ficando satisfeitos. A atitude correta dos filhos seria a seguinte: “saberem cortar mandacaru para o gado, consertar cercas, amansar brabos” (p. 24). Quanto a Fabiano, o autor acrescenta ainda que, “um sujeito como ele não tinha nascido para falar certo” (p. 22). Ou seja, no que se refere a esta personagem, o conhecimento não faz parte das características deste. Podendo acarretar ao nordestino esta mesma idéia de pessoa ignorante, indiferente ao conhecimento.

Por fim, temos o exemplo de desenvolvimento para Graciliano Ramos, que era o Sul, que já fora citado neste trabalho, mais acima.

A partir desta análise, percebemos que, com a leitura da obra **Vidas Secas**, podemos acabar limitados a construir a imagem de um Nordeste “empobrecido”, “flagelado”, “seco”. Não pretendo negar os problemas nordestinos com relação ao fator climático. Esta problemática da seca existe no Nordeste? Existe. Assim como existem a teatralização política para a dramatização deste problema e o descaso à solução, pois a “indústria da seca” é mais lucrativa. O que proponho é uma ampliação da visão das várias localidades e dos vários fatores e formas que moldam o Nordeste. Não podemos nos limitar a uma singularidade imagética. Além dos períodos e locais de seca, o Nordeste tem mais que isso a oferecer. Não pretendo aqui fazer discurso em favor dessa região, mas atentar para os cuidados que devemos tomar quanto a idéias e concepções deterministas, produtoras de estereótipos e por demais limitadas, e dar ênfase ao possibilismo, à pluralidade.

É importante considerar uma independência entre as palavras e as coisas. O objeto a que se fala não é propriamente a coisa que se vê. Até certo ponto, existe uma instituição discursiva das coisas, que acabamos por atribuir valores e significados sobre elas. Portanto, podemos considerar que existem várias formas de se vê determinado objeto, e quando apenas tomamos informações de outros sobre determinada coisa, estas informações acabarão por condicionar, em parte, nossa visão sobre esta mesma coisa. E quando nos referimos à busca das particularidades regionalistas, entramos em um processo de representação entre o “eu” e o “outro”. Nossas posições sobre outros seres falam a partir de um lugar, ou seja, quando falamos de outros lugares, de outros seres, os analisamos tomando como referência a posição a qual nos encontramos, a partir de nós mesmos.

Apesar dos vários discursos sobre o Nordeste, em sua maioria partirem de pessoas da própria região, o preconceito lançado sobre este território parte de um outro, em grande parte do Sul. Certo que alguns nordestinos são coniventes com tal preconceito, a partir de uma posição de aceitação da inferioridade discursivamente elaborada, mas vê-se que o processo de discursos iniciados por políticos e letrados da região, hoje tem grandes proporções por representações criadas por pessoas do Sul, o que nos justifica em parte o tão grande preconceito que o Nordeste

e os nordestinos sofrem em nossos dias nas relações com os sulistas, fora o real desenvolvimento industrial e urbano a que estes últimos alcançaram.

Notas